

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadores: André Albanezi Shalders, com auxílio de Arminda (cuidadora da entrevistada)

Entrevistada: Violeta Gazal Shalders

São Paulo, 18 de Maio de 2025

Duração da Entrevista: 1 hora e 17 minutos

Realizada na casa da entrevistada no bairro do Campo Belo, São Paulo, SP.

ENTREVISTA COM VIOLETA GAZAL SHALDERS

Violeta: Eu vou fazer cem mesmo?

Arminda: É. Dia primeiro de dezembro de mil novecentos e vinte e cinco.

Violeta: Mil novecentos e vinte e cinco, né?

Arminda: A senhora é de mil novecentos e vinte e cinco. Dezembro você vai fazer cem anos no dia primeiro.

[...]

André: Quando você nasceu vó?

Violeta: Nasci em primeiro de dezembro de mil novecentos e vinte e cinco. Eu nasci em Haifa, na Palestina.

André: Em Haifa?

Violeta: Haifa.

André: Você lembra de lá vó?

Violeta: Eu tinha uns quatro, cinco anos. Não me lembro muito não.

André: Não lembra muito?

Violeta: Eu sei que minha mãe morava num sobrado. E eu... Em frente a uma igreja. E eu... todo domingo eu ia pra missa com as empregada. Me levavam pra igreja.

André: Mas isso foi já no Brasil, né?

Violeta: É, aqui no Brasil.

André: Quem eram seus pais vó?

Violeta: Meu pai? Era médico. Trabalhava em Haifa. Depois veio pro Brasil em 1930. Trabalhou em São João da Bocaina.

André: São João da Bocaina?

Violeta: São João da Bocaina.

André: E sua mãe?

Violeta: A minha mãe? Era uma dona de casa. Acompanhava meu pai.

André: E... e você tinha irmãos vó?

Violeta: Como?

André: E os seus irmãos?

Violeta: Meus irmãos?

André: Quantos irmãos cê tinha?

Violeta: É... cin... cinco vieram com... com meus pais. Cinco irmãos. Depois dois nasceram aqui em... dois nasceram... em São João da Bocaina era o Pedro e a Vera nasceu em Bauru.

André: E quantos irmãos vó?

Violeta: Nós éramos em oito irmãos.

André: Oito irmãos.

Violeta: É.

André: Cinco homens e três mulheres?

Violeta: Cinco homens e três mulheres.

André: Hum. E cê sabe por que que o seu pai veio pro Brasil?

Violeta: A eu... bem eu não sei. Num me lembro.

André: E quais cidades que você morou vó?

Violeta: Aonde?

André: Quais cidades você morou quando você era nova?

Violeta: Aqui no Brasil?

André: É.

Violeta: A eu morei em... Em duas. São João da Bocaina e Bauru. A Vera nasceu em Bauru. E o Pedro nasceu em São João da Bocaina.

André: E você lembra vó? Dessas cidades?

Violeta: O que?

André: O que você lembra vó? Dessas cidades onde você morava.

Violeta: Ah, muito pouco, né? Eu me lembro que... é... todo casamento que tinha eu assistia em São João da Bocaina. Eu ia pra Igreja e assistia os casamentos. Enterro, casamento, tudo eu [risos] quando tinha eu a... [risos] eu assis... eu assistia.

André: Hum. E... Deixa eu ver. Como é que era a vida... deixa passar o avião vó.

Violeta: Como?

André: Tá passando um avião. Deixa passar o avião.

Violeta: Passava? Quando...

André: Não. Tá passando um avião lá fora.

Violeta: É?

André: Fazendo muito barulho. Pera aí.

[Silêncio]

André: E você sente falta de lá vó? De Bauru...

Violeta: Da onde?

André: Bauru, São João da Bocaina.

Violeta: A eu sinto eu... eu estudava em Bauru num colégio de freiras. Colégio São José. E... é.

André: E você chegou a trabalhar na escola também, né?

Violeta: Como?

André: Você chegou a trabalhar também de professora, não chegou?

Violeta: Já. Isso foi em Araraquara. Araraquara eu dei... dei aula no... num... numa escola em Bauru... em Araraquara.

[Silêncio]

Arminda: Pode puxar que ela vai acertando, André.

André: É que eu tenho que tomar cuidado porque o... eu não posso falar por cima. Porque a minha voz não aparece, entendeu? Então eu tenho que editar só com o que ela tá falando. Se eu falo por cima eu não consigo aproveitar a gravação.

Arminda: Hum.

André: Mas se você quiser me ajudar... Porque você sabe várias histórias também [risos].

Violeta: Eu me casei em Araraquara também. Me casei em Araraquara.

André: Conheceu meu vô em Araraquara?

Violeta: Como?

André: Meu vô, Zé Luís, cê conheceu em Araraquara?

Violeta: Não. Eu conheci aqui em São Paulo. Eu vim passar o Carnaval em São Paulo e num baile do Sul Rio Grandense eu conheci ele. Aí nunca mais e... [risos] nunca mais ele me deixou.

Arminda: Cês namoraram quantos anos?

Violeta: ã?

Arminda: Cês namoraram quantos anos pra poder casar.

Violeta: Eu conheci ele tava fazendo vestibular pra direito. Colégio de... pra... é, ele estudou na PUC. Fez advocacia na PUC.

[...]

Arminda: Ele trabalhava no que?

Violeta: Ele era escrevente no cartório, em São Paulo. Era escrevente.

André: Escrevente?

Violeta: ã?

André: Ele era escrevente e queria ser advogado?

Violeta: É. Aí ele fez direito na... na... acho que na PUC, né? Universidade Católica.

André: É. Na PUC mesmo. Aí ele prestou pra OAB, né?

Violeta: Como?

André: Ele estudou pra OAB.

Violeta: É.

[...]

André: E... você teve quantos filhos vó?

Violeta: Eu só tive... tive dois só. O Luiz Edgar e Elza Maria.

André: Você lembra de alguma coisa da família vó? Alguma lembrança boa da família?

Violeta: Uma família normal, né?

Arminda: A senhora fazia almoço na sua casa pra sua família?

Violeta: Quem fazia?

Arminda: Se a senhora fazia almoço pra chamar todo mundo.

Violeta: É. Aos domingos eu fazia.

André: Cozinhava o que vó?

Violeta: (Suspiro) Comida árabe, brasileira.

André: O que você fazia de comida árabe?

Violeta: A minha comida era variada. ã?

André: O que você fazia de comida árabe, vó?

Violeta: Ah, eu fazia [risos]... fazia kibe, fazia esfiha [risos], ai, ai.

André: Charuto...

Violeta: Charuto.

André: É. Que mais? Mijadra?

Violeta: Mi... Mijadra? [risos]. É uma comida de lentilha.

André: É. Eu lembro. Quem te ensinou, vó?

Violeta: Como?

André: Quem te ensinou a fazer?

Violeta: Ensinei o que?

André: Quem te ensinou a fazer essas comidas, vó?

Violeta: A minha mãe, né? Eu sempre fui ajudante da minha mãe na cozinha. É.

André: Suas irmãs ajudavam também?

Violeta: Fazia o que?

André: As suas irmãs também ajudavam?

Violeta: Ajudavam. A Daisy, a Vera. Infelizmente já morreram.

André: É. O tempo passa rápido, né vó?

Violeta: Ô.

[Silêncio]

André: O que você acha de estar chegando aos cem anos vó?

Violeta: ã?

André: O que você acha de estar chegando aos cem anos?

Violeta: Normal, né? Tenho boas lembranças da minha infância em São João da Bocaina, Bauru. Tenho boas lembranças. Em Bauru eu estudava em um colégio de freiras, o Externato São José.

Arminda: A senhora cantou pro bispo?

Violeta: Como?

Arminda: A senhora cantou pro bispo?

Violeta: Aonde?

Arminda: Lá no colégio.

Violeta: Que é que eu fazia?

Arminda: Se a senhora cantava pro bispo.

Violeta: A eu cantava, era a crooner lá da... das festas.

[Silêncio]

André: Cê cantava o que, vó?

Violeta: Ah, umas músicas do colégio mesmo.

[Silêncio]

André: Eu lembro que você cantava Chopin.

Violeta: Como?

André: Quando eu era mais novo, você cantava músicas do Chopin.

Violeta: Can... cantava música?

André: Do Chopin.

Violeta: Soprano?

André: Chopin, vó. Compositor.

Violeta: Ah, de Chopin.

André: Isso.

Violeta: É. Eu cantava e a Daisy acompanhava no piano. A Daisy me acompanhava no piano.

André: Foram as freiras que ensinaram a cantar?

Violeta: É. As freiras do Externato São José.

Arminda: A senhora lembra de alguma música pra cê cantar pro André? Canta uma música pro André.

Violeta: Cantar? Se eu...

Arminda: É, uma música.

Violeta: Acho que eu nem lembro mais.

Arminda: Lembra.

Violeta: Nem me lembro mais.

André: Qualquer coisa eu posso voltar também outra hora, quando ela lembrar mais coisa.

Arminda: Ela canta, ela canta.

[conversa inaudível]

Violeta: Em... em Araraquara também eu cantava no, no... Na igreja.

Arminda: E quando a freira lhe botava de castigo? A madre lhe botava de castigo.

Violeta: Como?

Arminda: A madre lhe colocava de castigo quando o bispo tava pra chegar.

Violeta: A...

Arminda: O que é que você falava pra ela?

Violeta: Vem cá.

[Arminda se levanta]

[conversa inaudível]

André: (para Arminda) Senta ali ó, que eu acho que não aparece. Ali na almofada verde.

Violeta: Que é que eu fazia?

Arminda: Quando a freira lhe botava de castigo, que o bispo tava pra chegar, você dizia o que pra ela?

Violeta: Que eu: "ah, eu não canto mais. Eu não vou cantar pro bispo mais". É, ela me punha de castigo eu fazia: "amanhã eu não canto pro bispo".

Arminda: Aí ela lhe tirava do castigo, né?

Violeta: É.

Arminda: E a senhora não lembra qual era a música que cê cantava pro bispo?

Violeta: Ah, não tô lembrada não. Não to lembrada.

[Silêncio]

André: Como é que era a sua casa vó?

Violeta: Como?

André: A sua casa de infância. Como é que era?

Violeta: O que?

André: A sua casa.

Violeta: A minha casa?

André: É. Dos seus pais, a sua.

Violeta: A uma casa boa. Em Ba... eu morei... eu me lembro bem de São João da Bocaina.

Arminda: E aquela casa que você fala... fala pra mim que tinha poeira. Aonde que era?

Violeta: O que?

Arminda: A casa que você morava que tinha poeira. Que você varria a casa e a poeira voltada tudo de novo. Onde é que era?

Violeta: Ah, lá no interior, né? No interior as ruas não são calçadas, então entrava muita poeira nas casas.

Arminda: Quando a senhora era moça, a senhora ajudava muito a sua mãe?

Violeta: Demais

Arminda: Era? Que é que você fazia?

Violeta: Ah, eu limpava a casa. Fazia uma comidinha assim... É. Eu era ajudante da minha mãe na cozinha e na limpeza da casa.

Arminda: Como foi a sua festa de casamento?

Violeta: Ah, eu tenho o álbum aqui se cê quiser olhar. É um álbum branco. Tá lá na... lá onde tem a televisão. Tem uma gaveta lá. É um álbum branco. Tem meu vestido de noiva, tem os convidados.

Arminda: Quem era o irmão seu que sempre vinha aqui que senta na cadeira... que sentava na cadeira que eu sento pra almoçar.

Violeta: Pra almoçar?

Arminda: É. Quem era seu irmão? Que vinha aqui lhe visitar todos os dias?

Violeta: Vinha me visitar?

Arminda: É. Todos os dias ele vinha aqui, trazia bolo... Quem era?

Violeta: A...

Arminda: Que a senhora fala que eu sento na cadeira dele. Parece que é um médico.

Violeta: Ah, são cinco homens, né?

Arminda: Mas tinha um que vinha aqui lhe visitar.

Violeta: Aqui em São Paulo?

Arminda: É. Sempre ele tava aqui.

Violeta: É, eu não me lembro.

Arminda: Que a senhora fala que eu sento na cadeira dele.

(André se levanta para fechar a janela devido ao barulho dos aviões)

Violeta: Não me lembro.

Arminda: Lembra não?

Violeta: Eram cinco homens, né? Cinco homens.

Arminda: Lembra do nome dos seus irmão?

Violeta: Lembro.

Arminda: Como que era o nome deles?

Violeta: A mais velha era a Daisy. Depois vinha o Fuad. Depois vinha o Camilo, o Kamal. O Kamal era casado com a Helena, o Kamal. É, só.

Arminda: A senhora tem... tinha sobrinho aqui em São Paulo?

Violeta: Aqui em São Paulo?

Arminda: É.

Violeta: A tem a... A Terezinha morreu, né? A Terezinha. Depois vinha a Denise — minhas sobrinhas — filha do Kamal. É, família grande.

[Silêncio]

Violeta: Nós éramos em cinco homens e três mulheres. Oito.

Arminda: Aí hoje só ficou a Violeta pra contar a história de todos, né?

Violeta: Só. Justamente.

[Silêncio]

Violeta: Eu só fiz o ginásio e o colegial em Araraquara. Não continuei os estudos.

[Silêncio]

André: Mas voc...

Violeta: Morei em Ibitinga. Depois a mamãe mudou pra Araraquara. Estudei no Colégio Estadual de Araraquara. Aí eu me casei. Me casei em Araraquara.

[Silêncio]

André: Como era a vida antes de casar, vó?

Violeta: Como?

André: A vida antes de casar era diferente?

Violeta: Não. Normal.

[Silêncio]

Violeta: Só que eu não podia namorar muito não [risos]. Ai, ai.

André: O pai não deixava?

Violeta: Como?

André: Seu pai não deixava?

Violeta: É. Mais a minha mãe.

André: A mãe não deixava?

Violeta: É.

André: Seus pais gostavam do meu avô?

Violeta: Como?

André: Seus pais. O que eles achavam do José Luís?

Violeta: Gostavam. Será que ele conheceu o Zé Luís? Não me lembro. Lá em Ibitinga.

André: [sussurrando] Ele faleceu em 60 e pouco...

Violeta: Ibitinga. Tá lá a cidade. A terra do... do bordado.

André: Por que terra do bordado, vó?

Violeta: Como?

André: Por que terra do bordado?

Violeta: Porque tinha muita bordadeira lá. Aprendi a bordar em Araraquara, aliás, em Ibitinga.

André: Você bordava também?

Violeta: Bordava. Não à máquina... eu bordava à mão. Não era à máquina.

Arminda: Mas a senhora sabia costurar na máquina?

Violeta: ã?

Arminda: A senhora sabia costurar em máquina?

Violeta: Eu não sabia muito não. Mais era à mão. Eu bordava à mão.

[Silêncio]

Violeta: Eu morei em Ibitinga dez anos. É... [suspiro]. Ibitinga.

André: E quando que você veio pra São Paulo, vó?

Violeta: Hm?

André: Quando que você veio pra São Paulo? Você lembra?

Violeta: Quando que eu vim pra São Paulo? Hm... Não não... não me lembro.

André: (para Arminda) Seria bom ter meu pai aqui.

Arminda: Essa parte ela não falou pra mim.

André: E você chegou a fazer a escola toda, né?

Violeta: O que?

André: Você chegou a terminar a escola, né?

Violeta: Hum.

André: Porque não era comum as mulheres naquela época terminarem a escola. Você chegou a fazer o colegial, né?

Violeta: Eu fiz o colegial lá em Araraquara e o ginásio eu fiz em Ibitinga. Depois a minha mãe mudou pra Araraquara, eu fiz o colegial no Colégio Estadual de Araraquara. Eu fiz o... colegial.

Arminda: Aí a senhora casou e o seu marido não quis que a senhora estudasse mais nem trabalhasse, né?

Violeta: É. Me casei em Araraquara.

André: Foi por isso que você não trabalhou, vó?

Violeta: Como?

André: Você não trabalhou porque seu vô não quis?

Violeta: É.

André: Mas você queria trabalhar?

Violeta: É, eu não trabalhei não. E aí em Araraquara, eu dei aula no colégio de lá. Dei aula no colégio de...

[Silêncio]

André: Mas depois disso não trabalhou mais.

Violeta: Não. Aí cuidei da casa, dos filhos.

André: Cuidou bem, né vó?

Violeta: ã?

André: Cuidou bem.

Violeta: É. Casei com promotor de justiça, né? Não precisei trabalhar. A casa tá lá onde eu me casei. Tá lá. Acho que hoje é um posto de sa... [risos] posto de gasolina.

[...]

Violeta: Namoradinho... eu tive uns namoradinhos.

[Arminda falando, inaudível]

Arminda: A senhora teve algumas paixão, né?

Violeta: Tive o que?

Arminda: Algumas paixões.

Violeta: É, é.

Arminda: Que era apaixonado pela senhora. Cê lembra alguma coisa deles?

Violeta: De quem?

Arminda: Dos apaixonadinhos que a senhora teve?

Violeta: Dos... dos apaixonados?

Arminda: É. Foram dois, né? Parece.

Violeta: É. Em Ibitinga tive namoradinho, em Araraquara também tive namoradinho.

Arminda: Mas a senhora lembra mesmo só do seu esposo, né?

Violeta: É.

Arminda: Sonha demais com ele, né?

Violeta: É. Sonho com ele. Ele tá aí na foto. Não tem?

Arminda: Tem.

[André se levanta para buscar a foto]

André: Cadê a foto? Ali?

Arminda: Aqui

Violeta: Aí não.

Arminda: Aqui também tem a senhora com ele. Tem ali quando era novo.

André: Aqui, né vó?

[Violeta pega o porta-retratos]

Violeta: É... [inaudível]

Arminda: Mostra aí pra câmera o seu esposo. Mostra assim ó. Mostra...

[Arminda vira o porta-retratos na direção da câmera]

Violeta: Essa foto acho que foi em Alphaville.

Arminda: A elegância.

André: É de oitenta e sete essa foto, né?

Violeta: Quanto?

André: Oitenta e... Mil novecentos e oitenta e sete.

Violeta: É?

André: (para Arminda) Pode pegar. Pode...

Arminda pega o porta-retratos.

Violeta: Ele era um homem bonito, né?

Arminda: É bonito.

Violeta: José Luís.

[Silêncio]

Violeta: José...

André: Sente falta dele, vó?

Violeta: Claro, né? Meu companheiro, pai dos meus filhos. José Luís...

André: Ele era quietinho, né?

Violeta: É.

André: Era meio tímido. Eu lembro dele.

Violeta: Cê não chegou a conhecer, né?

André: Conheci, vó.

Violeta: Cê conheceu o... Zé Luís?

André: Ele faleceu eu tinha onze anos.

Violeta: É?

André: Eu lembro dele. Ele me dava fita cassete de desenho animado.

Violeta: Como?

André: Ele me dava filme de desenho animado de aniversário.

Violeta: É

André: Ele me deu um pé de coelho uma vez.

Violeta: É?

André: Só que ele era meio tímido, né?

Violeta: É.

André: Bem quietinho, na dele. Com os discos dele, os livros...

Violeta: Ele tem... O Luiz, ele deu... Não sei o que ele fez com a coleção do pai. Ele tinha coleção de discos. Tinha uma discoteca grande.

André: Era muita coisa, né vó?

Violeta: Ô. Tá lá em Alphaville.

André: E dos lugares que você morou, qual você gostou mais, vó?

Violeta: Que eu morei? É...

André: São Paulo, Alphaville, Araraquara...

Violeta: Eu gostava de todos os lugares que eu morei. É.

André: (para Arminda) Será que já deu por hoje? Tá cansada?

[...]

Arminda: Vó. Quantos neto a senhora tem?

Violeta: Dois netos.

Arminda: Só dois?

André: Tem três, vó.

Violeta: ã?

André: Três netos.

Violeta: E quem é o terceiro?

André: Eu, o Júlio e o César.

Violeta: É.

Arminda: Quem trouxe você pra morar aqui em São Paulo? Cê lembra quem lhe trouxe pra cá? Pra você morar aqui. Quem trouxe a senhora pra cá?

Violeta: É mesmo. Gostaria de saber. Quem me trouxe pra cá?

Arminda: Foi alguém, né?

Violeta: ã?

Arminda: Foi alguém que trouxe você pra cá. Será que não foi a filha?

Violeta: Foi quem?

Arminda: A sua filha.

Violeta: Pode ser.

André: Cê veio pra cá pra morar perto da Elza, né vó?

Violeta: Nem me lembro, viu?

[Silêncio]

Violeta: Eu antes de... de vir pra cá, eu morei em várias cidades. Morei em Cunha, uma cidade do Vale do Paraíba. Morei em Cunha. Que mais?

[Silêncio]

Arminda: A senhora tinha casa na... na Praia... na Praia Grande?

Violeta: Como?

Arminda: A senhora tinha casa na Praia Grande? A senhora gostava da praia?

Violeta: Tinha. Nossa eu... eu tinha casa. Diz que hoje tá muito bonita a Praia Grande. O prefeito de lá embelezou a cidade. É. E a praia tá muito bonita, Praia Grande. Eu... eu ia lá nas férias só. Eu fiz uma casa lá na... A casa ainda existe. Tá lá a casa. Na Praia Grande.

Arminda: Aí quem era que ia pra Praia Grande com a senhora?

Violeta: Como?

Arminda: Sua família ia? Pra praia.

Violeta: Todos iam.

Arminda: Era?

Violeta: Se hospedavam na minha casa e frequentavam a Praia. Cê não conhece a Praia Grande, né? A casa é muito boa também. Tá lá ainda a casa.

[Silêncio]

Violeta: O... Acho que o... o construtor da casa, Manuel Rebelo, acho que até já morreu. O Manuel... Já ouviu falar em Manuel Rebelo?

André: Eu não, vó.

Violeta: ã?

André: Não lembro.

Violeta: Já?

André: Não lembro, vó.

Violeta: Não lembra?

André: Não lembro.

Violeta: É...

André: Ele era da Praia Grande?

Violeta: Na Praia Grande.

[Silêncio]

Violeta: Pois é...

[Silêncio]

Violeta: A Praia Grande...

[...]

Violeta: Nunca mais fui, viu? Pra Praia Grande. A casa lá é boazinha.

André: Quer ir pra praia, vó?

Violeta: Se eu... Como?

André: Cê quer ir pra praia?

Violeta: Não, agora não, num, num... num ligo mais. Mas quando eu era mais jovem eu ia. Ia pra praia.

André: Tem umas fotos...

Violeta: Tem?

André: ...de você e a Satuê na praia.

Violeta: É?

André: Você e a Satuê.

Violeta: É. Ela se... se hospedava em casa e a gente ia pra praia.

Arminda: Mas não é aquele que quando via as toalha bonita já levava pra ela, é?

Violeta: Como?

Arminda: Mas não é aquela que quando via as toalha bonita na sua casa levava pra ela não, né?

Violeta: Aquela era... era a Rosalba. Tudo que eu tinha de bonito ela queria levar pra casa dela.

Aquela era a... foi casada com o meu cunhado que já morreu também. A Rosalba, uma nortista. Tudo ela queria, tudo ela queria.

[Silêncio]

Violeta: É. Ela olhava na mesa, via a toalha bonita: "A eu vou levar essa pra minha casa". E levava, e levava...

André: E você deixava, vó?

Violeta: É. O que é que eu ia fazer? Ela mandava. Era a... a nora... a querida da minha sogra.

Arminda: Sua sogra foi uma boa sogra pra você?

Violeta: Quem?

Arminda: A sua sogra.

Violeta: Foi boa?

Arminda: É.

Violeta: Mais ou menos [risos]. Ai, ai... Ela era muito brava, a minha sogra. Minha sogra também morreu. Tá lá no Araçá a minha sogra. No Cemitério do Araçá.

André: Qual era o nome dela, vó?

Violeta: Elza [risos]. Elza. Vó Elza.

André: Eu lembro dela.

Violeta: Cê lembra dela?

André: Lembro.

Violeta: É?

André: Ela me dava biscoito. Tinha umas caixas de metal de biscoito amanteigado e ela dava pra mim quando eu ia na casa dela.

Violeta: É?

André: Mas eu conheci ela já no fim da vida dela. Ela tava com aquele tanque de oxigênio no nariz.

Violeta: Tava com o que?

André: Com tanque de oxigênio.

Violeta: Ah, é.

André: Eu lembro que eu tinha medo do tanque. Eu não queria chegar perto.

Violeta: Ela fumou muito na... na... vida dela. Aí depois de velha...

André: Ela teve enfisema, né?

Violeta: Como?

André: Ela teve enfisema pulmonar.

Violeta: Teve, teve. Elza. Ela fumava.

André: É. E fumava doente também, né?

Violeta: É.

André: Que eu lembro que eu ia na casa dela e ela tava fumando.

Violeta: Tava fumando...

André: Meu pai falou que ela jogava carta com as amigas e fumava cigarro.

Violeta: É. Tinha uma turminha que jogava lá com ela. Ficava respirando... Eu nunca fumei. Nunca fumei na vida.

André: Por isso que chegou nos cem anos, né?

Violeta: É. Nunca bebi, nunca fumei. [risos] Era uma velha enxuta.

Arminda: É. E me diga uma coisa.

Violeta: ã?

Arminda: Mas agora, depois de velha, a senhora toma uma cervejinha?

Violeta: Raramente, né? Você compra aí? [risos] Mas uma cervejinha gelada é bem boa, né?

André: Quando cê começou a gostar de cerveja, vó?

Violeta: A depois de adulta. Moça eu num... Num bebia nada não. Eu não bebia.

[Violeta boceja]

André: (para Arminda) Quer continuar depois?

[...]

André: Seu nome não era sempre Violeta, né?

Violeta: Viola.

André: Viola? E por que mudou?

Violeta: Por que?

André: Por que é que mudou?

Violeta: Nem sei porquê viu. Ai, Ai... Viola.

André: Eu lembro que você me falou que os meninos tiravam sarro do seu nome na escola, que eles imitavam uma viola.

Violeta: É [risos]. Sempre os meninos se... aquela... com aquela gozação, né?

André: E aí você falou que seu pai mudou seu nome porque ele ficou bravo que tavam tirando sarro de você.

Violeta: Eu morei... A primeira cidade que eu morei no Brasil foi São João da Bocaina.

Arminda: Cê tem vontade de ir lá?

Violeta: Pra São João da Bocaina?

Arminda: É. Tem vontade de passear lá?

Violeta: Fazer o que?

Arminda: Passear novamente na cidade.

Violeta: É, é. Num... é que eu tinha uns seis anos quando meu pai morou lá. Eu tinha uns seis anos... Morei em Bauru também.

Arminda: Mas em Bauru a senhora tem vontade de voltar lá que a senhora sempre me convida pra ir.

Violeta: ã?

Arminda: Mas em Bauru a senhora tem vontade de voltar lá porque a senhora me convida pra ir.

Violeta: É, é.

[...]

André: E cê conheceu meu vô como, vó?

Violeta: Num baile de... num baile, num clube aqui em São Paulo: Sul Rio Grandense. Eu fui ao baile, ele veio me tirar pra dançar, saí dançando com ele. Aí, marquei encontro no dia seguinte pra conversar. Aí eu voltei pra Araraquara — eu morava em Araraquara — e ele ia me visitar de vez em quando, até marcar o casamento. Acho que a casa tá lá ainda, a casa que eu morei.

(Silêncio)

Violeta: A gente muda muito, né? De cidade...

[...]

Arminda: A senhora namorou cinco ano com seu marido por correspondência, não foi?

Violeta: Como?

Arminda: Você namorou cinco ano com seu marido por correspondência, cartas.

Violeta: É, por correspondência.

Arminda: Aí depois é que casou, foi?

Violeta: É.

[...]

Violeta: Quando eu o conheci, ele falou: "cê me espera eu me formar?". Eu disse "eu espero, né?".

André: Você esperou ele se formar?

Violeta: Eu esperei ele se formar.

André: Ele estudava na PUC. Universidade católica... lá em Perdizes.

[...]

André: Então ele veio pra São Paulo pra estudar e você ficou em Araraquara?

Violeta: O que?

André: Meu avô veio estudar em São Paulo e você ficou em Araraquara.

Violeta: É. Eu fiquei em Araraquara.

André: E vocês continuaram namorando por carta?

Violeta: É [risos]. Você viu alguma carta?

André: Não sei. Existe? Não vi não, vó.

[...]

[Violeta Cantando marchinha de carnaval "Meu Brotinho", de Francisco Carlos]

Violeta: É...

André: Cê dançava quando cê era nova, vó?

Violeta: Como?

André: Cê dançava quando era nova?

Violeta: Eu cantava, sempre cantei. Cantava em casa, né? Não fui cantora oficial. Cantava em casa.

[Violeta continua cantando]

Violeta: [risos] Ai, ai. Tempo bom em que a gente era jovem, cantora... Eu sempre cantei em casa.

André: Sente falta da juventude, vó?

Violeta: Como?

André: Sente falta de quando era jovem?

Violeta: Ô. Eu morava em Ibitinga quando era jovem. Cantava. Gostava de cantar.

Arminda: A senhora cantava no coral da igreja.

Violeta: Cantava. Cantava. Ah, eu cantava no coral de Bauru.

[Silêncio]

Violeta: Eu ia nas procissões, quando tinha proci... procissão...

Arminda: A senhora chegou a se vestir de anjo?

Violeta: Fazer o que?

Arminda: De anjo.

Violeta: Já me vesti de anjo [risos]. Ia na procissão de anjo. De anjo. De anjo é que eu não tinha nada, né [risos]? Ai, ai. Tempinho bom, né? No Colégio São José, de Bauru.

[Silêncio]

Violeta: De Bauru...

[Silêncio longo]

Violeta: Que mais cê quer saber?

Arminda: Que é que a senhora lembra aí de bom na sua mente do s... de quando você era nova?

Violeta: Como?

Arminda: Que é que a senhora lembra de bom que a senhora fez quando era nova?

Violeta: Eu não fazia nada demais. Estudava no colégio. Ah, nas festas eu representava. Eu representava lá... É. Naquela época o colégio fazia muita festa, né? Hoje acho que não fazem mais. Mas eu, eu... Eu representava.

[...]

Arminda: A senhora representava violeta, não era?

Violeta: Como?

Arminda: A senhora era violeta.

Violeta: É, violeta.

Arminda: Cê fazia violeta no teatro?

Violeta: Fazia. Eu fiz vendedora de violeta. Eu levava o buquê de flores na mão e entrava: [cantando] Violetas, violetas, queridos meninos ó vinde comprar as minhas florzinhas. [risos] Violetas... [risos] Isso em Bauru. Tempinho bom em que a gente era criança. Ai, ai. Tudo é bonito.

[continua a cantar]

Violeta: E vendia. Buquê de flo... de violetas. E dava o dinheiro pras freiras. [risos] Eu não ficava com o dinheiro.

[Silêncio longo]

Violeta: Pois é. O tempo passa, né? Hoje eu sou uma avó, idosa... Mas eu cantei muito. Nas festas da escola eu sempre tinha um quadro pra cantar. Agora acho eu já nem tenho mais voz, né? Já envelheci.

André: Mas se você tivesse trabalho, cê queria ser o que vó?

Violeta: Uma professora... Professora. Eu me contentava em ser uma professora. Aliás em Araraquara eu lectionei, eu dei aula no... deu na... em Araraquara. Eu dei aula.

André: Dava aula do que?

Violeta: ã?

André: Do que é que cê dava aula.

Violeta: Eu? Dava de Geografia, de História... Menos matemática [risos]. Eu dava aula na... à noite, na... Eu dava aula à noite. É. Tempinho bom, né? A gente era jovem... É.

André: Nunca quis ser cantora?

Violeta: Como?

André: Nunca quis ser cantora?

Violeta: Cantora não. Só professora.

[Silêncio]

Violeta: Cantora não.

[...]

Violeta: Araraquara. É uma boa cidade, né?

André: É.

Violeta: A casa que eu morei tá lá ainda. Aquela casa.

André: Como é que era a casa, vó.

Violeta: Como é que era?

André: É.

Violeta: É uma casa simples, né? Não tinha luxo nenhum.

Arminda: Qual era a casa que vo... que a senhora morou que só tinha pé de frutas. Que sua mãe e seu não comprava frutas.

Violeta: Que tinha o que?

Arminda: Só pé de frutas.

Violeta: Só pé de frutas?

Arminda: É. Um quarteirão todinho de pé de frutas, aonde é?

Violeta: Acho que em Ibitinga. Acho que lá em Ibitinga. A gente enchia as... as cestas de fruta e levava pros vizinhos. Levava pro... pros vizinhos.

André: Tinha árvore na rua?

Violeta: ã?

André: Tinha árvore na rua?

Violeta: Não. Era um pomar grande dentro de casa.

André: Quem plantou, vó?

Violeta: ã?

André: Quem que plantou?

Violeta: Como?

André: Quem plantou as árvores?

Violeta: A já estavam plantadas, né? Já estavam lá plantadas. E a... a gente dis... distribuía... fruta nos vizinhos. Cestas de fruta. Era abacate, muito abacate. Mexerica, laranja...

[Silêncio]

[...]

André: E cê teve a infância boa, vó?

Violeta: A infância?

André: É.

Violeta: Eu tive. Meus pais eram muito enérgicos, né? Mas eu tive. Em São João da Bocaina, em Bauru... Tive boa infância. Em Bauru eu estudava em colégio de freira. Colégio São José.

André: E seu pai trabalhava no que?

Violeta: É... Oculista. Médico oculista. Médico oculista...

Arminda: A senhora ajudava ele?

Violeta: Eu ajudava. Segurava a bandejinha com as ferramenta. Quando ele tratava uma criança, as criança xingavam ele [risos].

Violeta: "Doutor filho da puta" [risos]. Criança não tem papas na língua, né?

André: E você ajudava ele a operar?

Violeta: Ah, eu só segurava a bandejinha com o material. Ficava segurando a bandejinha e ele operava.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadores: André Albanezi Shalders, com auxílio de Luiz Edgar Shalders (filho da entrevistada)

Entrevistada: Violeta Gazal Shalders

São Paulo, 19 de Junho de 2025

Duração da Entrevista: 45 minutos

Realizada na casa da entrevistada no bairro do Campo Belo, São Paulo, SP.

ENTREVISTA COM VIOLETA GAZAL SHALDERS

Luiz (filho): Cê lembra da comida do navio?

[...]

Violeta: Eu me lembro do navio que a gente comia macarrão todo dia [risos].

André: Que é que cê comia no navio, vó?

Violeta: Ah, eu vim de navio de Haifa pro Brasil.

André: E o que é que cê comia no navio?

Violeta: ã?

André: O que é que tinha pra comer no navio, vó?

Violeta: As refeições do... do... navio eram tudo macarrão. O navio era italiano, então o cozinheiro só sabia fazer cama... macarrão.

Luiz (filho): Ahã.

[...]

Violeta: Macarrão de todo jeito.

André: De todo jeito, vó?

Violeta: ã?

André: De todo jeito o macarrão?

Violeta: Como?

André: Qual tipo de macarrão tinha, vó?

Violeta: Ah, todo tipo. Era macarrão à bolonhesa, macarrão alho e óleo... Enfim, cada dia era um prato. Agora, tudo à base do macarrão.

André: E era boa a comida?

Violeta: É. Era boa... comida de... Eu tinha quanto? Uns 6 anos... uns 6 anos. Não tem muita escolha não.

André: E quando cê chegou aqui cê foi morar onde, vó?

Violeta: ã?

André: Quando você chegou no Brasil você foi morar onde?

Violeta: Em São João da Bocaina. Uma cidadezinha perto de Jaú.

André: E como era lá, cê lembra?

Violeta: O que?

André: Como era São João da Bocaina, cê lembra?

Violeta: O que é que tem?

André: Você lembra como era vó? São João da Bocaina?

Violeta: Uma cidadezinha pequena, perto de Jaú.

[...]

Violeta: De Bocaina ele foi morar em Bauru. Em Bauru.

André: Cê veio pra cá com seus pais, vó?

Violeta: É, com meus pais.

André: Como é que era seu pai, vó?

Violeta: Meu pai [risos]. Um pai normal.

Luiz (filho): Ele era médico?

Violeta: Era médico oculista.

André: E era muito bravo ele?

Violeta: É. Era bravo sim.

[...]

André: E a sua mãe, vó?

Violeta: O que é que tem ela?

André: Como é que ela era?

Violeta: ã?

André: Como era a sua mãe?

Violeta: Minha mãe? [risos] Era uma pessoa normal, como toda mãe normal. Onde papai ia ela ia também, né? Mudava.

André: Eles viveram em muitos lugares?

Violeta: ã?

André: Eles viveram em muitos lugares diferentes?

Violeta: Não muito não. De Haifa ele veio pro Brasil.

André: E antes de Haifa? Cê lembra de onde eles vieram?

Violeta: Como?

André: Você lembra pra onde eles vieram antes de Haifa? Cê lembra onde eles moraram antes?

Violeta: Onde moraram?

André: Antes de Haifa.

Violeta: Antes de Haifa? Não. Não to lembrada.

Luiz (filho): A sua irmã Daisy nasceu no Cairo?

Violeta: A Daisy nasceu no Egito.

Luiz (filho): O Fuad.

Violeta: ã?

Luiz (filho): O Fuad nasceu aonde?

Violeta: O Fuad? Nasceu... também no... no Egito.

Luiz (filho): A sua mãe era de Marjayoun ?

Violeta: Dona Genie. Eugenie.

Luiz (filho): Dona Genie era de Marjayoun?

Violeta: ã?

Luiz (filho): A sua mãe era de Marjayoun?

Violeta: Marjayoun. Jdeidet Marjayoun.

Luiz (filho): É?

Violeta: Jdeidet Marjayoun.

[...]

Violeta: Cê pretende ir passear lá?

André: Quem sabe um dia, né vó?

Violeta: ã?

André: Quem sabe um dia.

Violeta: Um dia cê vai lá, né?

André: Agora tá caindo bomba lá, vó.

Violeta: Tão brigando?

André: É. Israel e o Irã tão trocando míssil.

Violeta: Xiii...

André: Então agora não dá pra ir pra lá não.

Violeta: É. É uma região que tá sempre em conflito, né?

André: É.

Violeta: Ele antes de vir pro Brasil, ele ia pros Estados Unidos, aí resolveu vir pro Brasil.

André: E por que ele veio pro Brasil?

Violeta: Ã?

André: Por que é que ele veio pro Brasil?

Violeta: Ã?

André: Por que, vó?

Violeta: Por que é que veio pro Brasil?

André: Isso.

Violeta: Bom, ele tinha um primo aqui no Brasil. Fazendeiro. Ele falou "vem aqui pro Brasil. Você pode trabalhar aqui". Aí meu pai veio à convite desse primo dele. É... Pedro Izar. Veio e aqui nós estamos, né?

[...]

Violeta: Aí de Bocaina ele mudou pra Bauru. Morou alguns anos em Bauru. Bauru... E de Bauru ele foi pra Ibitinga. Mudou pra Ibitinga. Meu pai viajava muito.

André: Por que é que ele viajava, vó?

Violeta: Por que é que viajava?

André: Por que é que não ficou onde ele morava?

[...]

André: Por que é que não ficou nas cidades onde ele morava?

Violeta: Eu não sei. Eu não sei.

Luiz (filho): Ele foi perseguido? Seu pai foi perseguido pelos médicos...

Violeta: Como? É. Era médico estrangeiro.

André: E tinha problema, vó? Ser médico estrangeiro.

Violeta: É...

[Silêncio]

Luiz (filho): Você uma vez contou uma história...

Violeta: Quem contou?

Luiz (filho): Você contou uma história do Getúlio Vargas, que baixou um decreto proibindo médico estrangeiro de clinicar no Brasil. É isso?

Violeta: É, é.

Luiz (filho): É isso?

Violeta: É.

Luiz (filho): E seu pai foi atingido por isso? Seu pai teve problema com isso?

Violeta: Como?

Luiz (filho): O seu pai foi proibido de exercer a profissão?

Violeta: É. Aí teve que trabalhar com outro colega. Outro colega que assinava a receita...

Luiz (filho): E é por isso que ele mudava de cidade?

Violeta: É. Médico estranho... aliás, nenhum profissional estrangeiro podia trabalhar. Tinha que revalidar o diploma. Aí ele mudou pra Bauru, de Bauru pra Ibitinga e em Ibitinga ele morreu. Meu pai tá enterrado em Ibitinga.

[Silêncio]

André: E depois que o seu pai morreu, sua mãe ficou como, vó? Ela continuou morando com vocês?

Violeta: A minha mãe?

André: É.

Violeta: Aí a minha mãe... a gente tava e Ibitinga e o Fuad fez a transferência da minha mãe pra

Violeta: Araraquara. Aí em Araraquara... ele já tinha morrido em Araraquara. É uma confusão danada. Aí quem assumiu a família foi meu tio Salomão. O tio Salomão que adotou a família da minha mãe [risos].

[Silêncio]

Luiz (filho): Ele que sustentava a casa?

Violeta: ã?

Luiz (filho): O tio Salomão que sustentava a casa?

Violeta: Sustentava a minha mãe e os filhos.

Luiz (filho): A Daisy trabalhava? Sua irmã Daisy trabalhava também?

Violeta: Como? É. E a Daisy dava aula lá no ginásio de Ibitinga: Miguel Landim, Ginásio Municipal Miguel Landim. E eu, o João fizemos o ginásio em Ibitinga.

Luiz (filho): O Fuad ajudava?

Violeta: ã?

Luiz (filho): O seu irmão Fuad ajudava?

Violeta: O que é que tem o Fuad?

Luiz (filho): O Fuad ajudava a sua mãe?

Violeta: Ô. Ele que fazia todas as despesas da casa.

Luiz (filho): Ele e o tio Salomão?

Violeta: ã?

Luiz (filho): O Fuad e o tio Salomão?

Violeta: É, o tio Salomão.

[...]

Violeta: Quando meu tio assumiu a família, a gente mudou pra Araraquara. De Ibitinga pra Araraquara. E lá em Araraquara... Olha, é uma confusão danada. Eu já nem me lembro mais.

[...]

Violeta: A minha mãe sempre viveu às dispensas dos filhos. A Daisy dava aula no ginásio e pagava o colégio pra nós. Colégio Municipal. Aí... Tendeu Luiz?

[...]

André: Quem mais trabalhava, vó?

Violeta: Coitada da Daisy. Quem mais? Aí o João já tava maiorzinho, moço já, começou a viajar. Trabalhar como vendedor, viajante.

[Silêncio]

Violeta: É não foi fácil a vida dela não. Sempre na dependência dos filhos... Aliás, tem foto del... dela lá em Ibitinga com o professor de educação física. Trabalhava como ajudante de, de...

André: Quem trabalhava como ajudante?

Violeta: ã?

André: Quem trabalhava como ajudante, vó?

Violeta: Era só o Fuad e a Daisy. É. O Fuad e a Daisy que trabalhavam.

André: E você?

Violeta: E o tio Salomão também ajudava minha mãe. Ih, minha mãe foi ajudada pelos filhos... por... é. Eu sei que não foi fácil a vida dela não. E a minha também, né? Eu era arrimo dela.

André: Você chegou a trabalhar também, vó?

Violeta: Trabalhava.

André: No que você trabalhou?

Violeta: ã?

André: No que você trabalhou?

Violeta: Por que?

André: No que. Em que.

Violeta: Ah, eu trabalhava.

André: Mas você trabalhou em que profissão, vó?

Violeta: Professora [risos]. Todo mundo era professor... e professora. E o colégio tá lá, onde eu trabalhei.

André: Qual colégio?

Violeta: De Ibitinga.

André: Mas qual o nome dele?

Violeta: Municipal Miguel Landim. Colégio Municipal Miguel Landim.

Luiz (filho): Foi lá que você trabalhou?

André: E você dava aula do que, vó?

Violeta: Curso primário. Curso primário.

André: Era o que matemática, história...

Violeta: É. Geografia...

André: E por que você parou de trabalhar, vó?

Violeta: Parei de trabalhar? É quando eu conheci seu pai em 1950 eu trabalhava ainda. Aí casei e o resto cê sabe.

André: E cê conheceu meu vô como?

Violeta: ã?

André: Como você conheceu meu vô?

Violeta: Seu avô?

André: É.

Violeta: O avô Edgar?

André: Não. O seu marido, vó.

Violeta: Eu conheci num baile. Sul Rio Grandense, de São Paulo. Conheci ele lá nesse baile. Conheci ele lá.

André: Era baile do que? De carnaval?

Violeta: É. Conheci ele num baile de carnaval.

André: E o que é que tocava? Marchinha?

[Violeta canta música "Meu Brotinho"]

André: E você dançava com o meu avô?

Violeta: É. Dancei com ele as três noites de carnaval. Ele morava no Sumaré e seu pai tam... Seu pai, né? É. Também... O que é que eu tô falando mesmo? [risos]

[...]

Violeta: Aí acabou o carnaval... e ele perguntou se podia ir pra Araraquara falar a minha mãe. Aí ele foi, mamãe gostou dele, e a gente parece que namorou... Direito é cinco anos?

Luiz (filho): ã?

Violeta: ã?

Luiz (filho): O que você perguntou?

André: Quantos anos eles namoraram.

Luiz (filho): Quantos anos você namorou, mãe?

Violeta: Eu?

Luiz (filho): Quantos anos você namorou?

Violeta: A eu tive que esperar o seu pai se formar. Ele se formou, ele foi para em Lucélia. O Estado mandou ele pra Luc... o governador era Franco Montouro parece. Aí ele foi... foi pra... foi pro interior. Aí eu esperei mais uns quatro anos [risos]. A gente demorou quatro anos. Aí depois que ele... A meu Deus eu já nem tenho mais cabeça nem pra lembrar. Um dia eu abro o livro aí de... que eu guardei e mostro pra você.

Luiz (filho): E o que tem esse livro?

Violeta: ã?

Luiz (filho): O que tem esse livro?

Violeta: O livro? Tinha a permanência dele nas cidades que ele foi promovido lá, que o Estado mandou. Mandou primeiro pra Lucélia. Eu era pra morar em Lucélia. Não morei. Depois ele foi pra... A nas cidades que ele foi trabalhar. Tá meio confuso, viu? [risos] Eu já tô... Não tô muito lembrada não. Deixa ver... De Lucélia... Ah, também não lembro.

André: E ele se formou em que, vó?

Violeta: ã?

André: Ele se formou em que?

Violeta: Direito.

André: Direito?

Violeta: É. Lá na... como é que chama aquela... é PUC, né?

Luiz (filho): É.

Violeta: ã?

Luiz (filho): PUC.

Violeta: É. Ele se formou em Direito. Aliás, tem foto dele aí recebendo o diploma... de advogado.

[Silêncio]

Violeta: Onde é que foi a moça aí? Foi fazer o café?

André: Tá na cozinha, vó.

Violeta: Pergunta o que ela tá fazendo. Cês não almoçaram também, né?

[...]

Luiz (filho): É verdade... viu, mãe. É verdade que você morou em Cunha com o pai?

Violeta: Fez o que?

Luiz (filho): É verdade que você morou em Cunha com o pai?

Violeta: Ah, morei. Cê conhece Cunha?

Luiz (filho): Conheço.

Violeta: O que você foi fazer lá?

Luiz (filho): Fui passear lá.

Violeta: Faz tempo?

Luiz (filho): Faz. Faz tempo.

Violeta: É uma cidade pequena. Cunha. De Cunha eu fui pra onde mesmo? São Simão?

Luiz (filho): São Simão.

Violeta: É. De Cunha fui pra São Simão. Depois de São Simão fui pra Capivari parece. É, andei mudando por aí. Em Cunha, em... Tive uma empregada chamada Minerva... lá em Cunha. É a terra da fruta, né? Da época. Morei pouco tempo em Cunha. De Cunha fui pra São Simão. Cê já foi pra Cunha?

Luiz (filho): Já.

Violeta: O que é que você foi fazer lá?

Luiz (filho): Passear.

Violeta: Ah, passear?

Luiz (filho): É.

Violeta: Morei lá. Morei pouco tempo. São Simão que eu morei mais tempo. Depois de São Simão eu mudei pra Capivari.

[Silêncio]

André: E depois?

Violeta: ã?

André: E depois de Capivari?

Violeta: Depois de Capivari? É... deixa eu ver se eu me lembro. Ah, nem me lembro. Eu mudei bastante também. Eu vou ver se eu tenho um livro aí de... de fotos...

André: (para Luiz) Você sabe?

Luiz (filho): É verdade que depois de Capivari você morou em Lins?

Violeta: É.

Luiz (filho): Lins. É isso?

Violeta: Lins. Em Lins. É. E de Lins pra São Paulo, né?

André: E os seus filhos nasceram onde, vó?

Violeta: Os seus?

André: Seus filhos nasceram onde?

Violeta: (para Luiz) Você... você foi o primeiro, né? Deixa eu ver... a, eu nem me lembro mais. Ai, ai...

Luiz (filho): Cê não lembra mais, mãe?

Violeta: ã?

Luiz (filho): Cê não lembra que eu nasci no Hospital das Clínicas?

Violeta: É. Você nasceu nas clínicas.

Luiz (filho): Foi um parto difícil, né?

Violeta: Como?

Luiz (filho): Foi um parto difícil, né mãe?

Violeta: Não entendi.

Luiz (filho): Foi um parto difícil.

Violeta: Foi. Foi difícil.

[...]

Luiz (filho): Depois que eu nasci, você foi pra onde?

Violeta: Eu? Pra onde que eu fui? Acho que pra... foi Lins? Não, não... pra São Paulo também não. Ah, é tanto tempo. Quantos anos faz isso?

Luiz (filho): Faz sessenta e oito anos.

Violeta: Sessenta e oito [risos]. Não dá pra lembrar de tudo.

[...]

André: Morreu de diabetes?

Violeta: É. Ele tinha uma diabete alta.

André: Gostava de comer doce?

Violeta: ã?

André: Ele gostava de comer doce?

Violeta: Não. Não era muito doceiro não. Morreu em Ibitinga meu pai... Meu pai tá lá em Ibitinga. Se um dia cês passarem por lá... Aliás, acho que eu fiz um túmulo pra ele lá em Ibitinga. Ibitinga. É lá que eu fiz o ginásio... É. A Daisy trabalhou no ginásio de Ibitinga também lá. Eu fiz o ginásio em Ibitinga. Aí... meu pai m... aliás minha mãe mudou pra Araraquara e em Araraquara eu fiz o... Aí, fiz lá um curso em Araraquara. Eu dei aula em Araraquara também.

Luiz (filho): Em Araraquara você fez o...

Violeta: ã?

Luiz (filho): Que curso você fez em Araraquara?

Violeta: Curso?

Luiz (filho): É. Foi Ensino Médio, foi o colegial... qual foi?

Violeta: Acho que eu fiz o clássico em Araraq... que lá era clássico e científico. Eu fiz o clássico em Araraquara.

[...]

Violeta: Eu também me virei muito na vida [risos]. Onde me chamavam eu ia, em Araraquara.

André: Eles que te chamaram pra dar aula lá?

Violeta: Chamavam, chamavam... Fazia falta professor. Então pegavam professor... Dei aula na escola de comércio de lá, de Araraquara. Dei aula. É.

André: Que mais vó, você deu aula?

Violeta: Dei aula lá em Araraquara.

André: Cê deu aula de Filosofia? Você deu aula de Filosofia também?

Violeta: Que tipo de filosofia?

André: Meu pai falou...

Violeta: De Platão à Sócrates [risos]. Platão à Sócrates. Eu tinha o livro. Um dia minha irmã fez a limpeza na casa da minha mãe e jogou tudo fora. Todos os livros que eu usava, ela jogou tudo fora.

André: E você gostava de dar aula, vó?

Violeta: ã?

André: Você gostav...

Violeta: Eu ia, dava aula direitinho. É.

André: E aí parou quando conheceu meu avô, seu marido.

Violeta: É. Aí fiquei noiva, casei e não dei mais aula. Eu preparava minhas aulas em casa. Aliás, eu tinha os livros aí. Não sei onde é que tão.

[...]

Violeta: É. Olha eu quebrei muito ga... [risos]. Quebrei muito galho na vida, viu? Eu fiz de tudo. Eu ajudava muito a minha mãe.

André: Você fazia o que pra sua mãe?

Violeta: Serviço de casa [risos]. Serviço de casa...

André: Cê cozinhava junto?

Violeta: Fazia doce, bolo... Eu ajudei muito ela.

André: Foi assim que você aprendeu a cozinhar, vó?

Violeta: Quem?

André: Foi ajudando a sua mãe que você aprendeu a cozinhar?

Violeta: Claro. Eu ajudava ela. É. A gente faz de t... mulher faz de tudo em casa. Passava roupa... A mamãe mandava lavar roupa fora e vinha sem passar. Então eu tinha que passar. Passava roupa, cozinhava, fazia doce lá pra ela...

André: Limpava a casa também...

Violeta: Limpava a casa. É. Eu fui quebra galho. Fui uma companheira pra minha mãe.

André: E as suas irmãs ajudavam?

Violeta: ã?

André: As suas irmãs ajudavam?

Violeta: Pouco. Muito pouc... A mais velha... ela dava aula no colégio municipal de lá.

André: A Daisy?

Violeta: É. A Daisy dava aula.

André: E a Vera?

Violeta: A Vera era criança ainda. Tinha dez anos. Eu fazia de tudo. Ajudava muito a minha mãe. A casa tá lá. Não sei se demoliram a casa.

André: De qual cidade, vó?

Violeta: Ibitinga.

André: Ibitinga?

Violeta: Onde eu ia faltava muito professor, então quando... faltava professor na... me chamavam pra dar aula. Eu fui quebra galho pra tudo [risos]. Ai, ai. Em Ibitinga... Em Araraquara eu dei aula numa Escola de Comércio de lá. Dei aula lá. Eu me virava.

[Silêncio]

André: E vó. Seu nome, antes de ser Violeta, era outro nome, não era?

Violeta: Viola.

André: Viola? E por que mudou o nome, vó?

Violeta: Eu me naturalizei brasileira... Eu me naturalizei brasileira...

André: Aí mudou o nome?

Violeta: ã?

André: Aí mudou pra Violeta?

Violeta: Como?

André: Aí mudou de Viola pra Violeta? Quando naturalizou.

Violeta: É.

André: Você tinha me contado que quando você era pequena os meninos tiravam sarro de você.

Violeta: Tiravam.

André: E o que eles faziam?

Violeta: Faziam assim.

[Gesticula tocar um violão]

Violeta: Imitavam um violão, um... Na escola, né? Saída de escola.

André: Porque seu nome era Viola eles imitavam uma viola?

Violeta: Viola. É. Aí eu me naturalizei brasileira e fiquei Violeta.

[Silêncio]

Violeta: É. Na vida a gente faz de tudo, né?

André: É.

Violeta: Faz de tudo. E não tinha muito professor na cidade onde eu morava. Então, faltava professor, me chamavam. Eu dava aula. Quisera eu ter sido... ter estudado mais, né? Mas o que eu estudei deu pra quebrar galho.

André: Você chegou a terminar a escola, vó?

Violeta: Como?

André: Você terminou a escola?

Violeta: Eu fiz o curso clássico em Araraquara. Fiz o clássico, curso clássico lá.

[Silêncio]

[...]

André: Então você terminou a educação básica, né?

Violeta: É.

André: Tinha muita gente naquela época que não terminava, né?

Violeta: É. Depois eu dei aula também em Araraquara, na Escola de Comércio de lá. Eu dei aula também lá. Aonde me chamavam eu ia. Professor tirava férias, me chamavam.

André: Você falou que cantava também, né?

Violeta: Eu cantava, eu cantava na... eu cantava em Bauru. Bauru eu cantava na igreja de lá. O que mais que eu fiz [risos]? Eu era pau pra toda obra. Precisavam de mim, me chamavam, eu ia. Ai, ai. É isso aí.

[Silêncio]

André: Quer descansar um pouco, vó? Tá cansada?

Violeta: Eu não tô cansada. Escuta, o que ela tá fazendo? Espia na cozinha e vê o que é que ela tá fazendo.